

AS TERRITORIALIDADES DA PRAÇA RAUL SOARES EM BELO HORIZONTE

THE TERRITORIALITIES OF RAUL SOARES SQUARE IN BELO HORIZONTE

BARROS, VITOR GIULIANETTI¹; FIORIN, EVANDRO²; ALVES, MANOEL RODRIGUES³

¹Mestrando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual Paulista, vitorgiulianetti@gmail.com;

²Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Professor Adjunto no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, evandrofiorin@gmail.com;

³Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Professor no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, mra@sc.usp.br.

RESUMO

Esta pesquisa busca o reconhecimento das territorialidades da Praça Raul Soares, localizada no centro da cidade de Belo Horizonte em Minas Gerais. O artigo parte da discussão teórica do conceito de territorialidades e do caminhar como prática estética, para uma pesquisa cartográfica: uma forma de habitar um espaço. A territorialidade é entendida como um sistema de relações existenciais que reflete a multidimensionalidade do vivido territorial, em que toda prática de um ator é uma prática territorial. A utilização do caminhar como um recurso de pesquisa permite que se habite diferentes territorialidades, expandindo a compreensão de relações entre os diversos elementos e atores territoriais que se fazem presentes no espaço da praça Raul Soares. Assim, iniciamos apresentando o objeto de estudo e sua história, de maneira a entender seu contexto e sua evolução desde sua inauguração em 1936. Como resultado deste trabalho, foram construídas cartografias que podem servir como leitura e interpretação dessas territorialidades. Além disso, também como forma de criar um registro da Praça Raul Soares, um lugar por vezes considerado o centro geográfico da cidade, que passou por requalificação promovida pela prefeitura e se mantém em constante discussão devido à sua importância dentro do centro da capital mineira.

Palavras-chave: Territorialidade; Cartografia; Caminhar; Praça; Belo Horizonte.

ABSTRACT

This is a research that seeks to recognize the territorialities of Raul Soares Square, located in the center of the city of Belo Horizonte in Minas Gerais. The article starts from the theoretical discussion of the concept of territorialities and strolling as an aesthetic practice, to cartographic research: a way of inhabiting a space. Territoriality understood as a system of existential relations that reflects the multidimensionality of territorial experience, in which every practice of an actor is a territorial practice. The use of strolling as a research resource allows us to inhabit different territorialities, expanding the understanding of relationships between the different territorial elements and actors that are present in the space of Raul Soares Square. Thus, we begin by presenting the object of study and its history, in order to understand its context and its evolution since its inauguration in 1936. As a result of this work, we built cartographies that can serve as a reading and interpretation of these territorialities. And also, as a way of creating a record of Raul Soares Square, a place sometimes considered the geographic center of the city, which underwent requalification by the city hall and remains under constant discussion due to its importance within the center of the capital of Minas Gerais.

Key-words: Territoriality; Cartography; Stroll; Public square; Belo Horizonte.

INTRODUÇÃO - CARTOGRAFIA DE TERRITÓRIOS POR MEIO DO CAMINHAR

Este trabalho busca estudar a Praça Raul Soares, localizada no centro da cidade de Belo Horizonte. O início de sua construção foi em 1929 e inaugurada em 1936, para a realização do II Congresso Eucarístico Brasileiro. Sua conformação espacial circular é única na região do projeto original para a capital mineira, se encontra no cruzamento de quatro avenidas da cidade, criando uma grande rotatória dispersora do fluxo da cidade. Possui um design emblemático ao ter um desenho de piso inspirado na arte marajoara e um design inspirado nos jardins franceses, com desenho radial e simétrico marcado pelo passeio perimetral e monumento (fonte d'água) ao centro da praça.

A pesquisa se justifica pelo interesse em investigar a praça e suas diversas apropriações espaciais que as pessoas fazem deste espaço público na cidade de Belo Horizonte. Uma investigação, aqui, baseada em uma pesquisa cartográfica, que busca registrar as principais territorialidades do espaço, isto é, as formas espaciais e os atores territoriais, que de algum modo se apropriam do espaço em tal praça pública da cidade, onde constroem relações afetivas. Estas se inserem numa prática territorial que é formada pela interação constante entre movimentos antagônicos, ora territorializados, ora desterritorializantes, que surgem a partir de múltiplos vetores de intensidades presentes no espaço (Deleuze; Guattari, 1995). Afinal, toda prática de um ator, independentemente de como se dá, é uma produção territorial que intervém em seu contexto (Raffestin, 1993, p. 150).

Na nossa perspectiva, a territorialidade tem uma concepção que reflete a multidimensionalidade do vivido territorial, em que o ator vive o processo e produto territorial, que é mediado por um sistema de relações existenciais (Raffestin, 1993, p. 158). Nesse sentido, compreende-se que a territorialidade define o espaço através das relações construídas no lugar, que sofrem influências de acordo com sua organização, escala e visibilidade (Brighenti; Kärrholm, 2020, p. 22).

Dessa forma este trabalho busca construir uma série imagética, que visa ser útil para especializar tais cartografias das territorialidades na praça Raul Soares em Belo Horizonte e no fim construir um cartograma territorial e uma cartografia de sua espacialização. Tais representações são criadas a partir do caminhar como prática estética (Careri, 2013), em que

se distingue na caminhada três instantes diferentes: “o ato da travessia (o percurso como ação do caminhar), a linha que atravessa o espaço (o percurso como objeto arquitetônico) e o relato do espaço atravessado (o percurso como estrutura narrativa)”, o que há é o ato, o espaço e o relato (Careri, 2013, p. 31).

Neste escopo, acreditamos que o método para se investigar o espaço territorial da Praça Raul Soares se dá por meio de habitar o espaço a ser pesquisado. Por isso a pesquisa cartográfica surge como meio para a realização do trabalho, pois é um processo em que o pesquisador está em constante aprendizado à medida que habita um território; e com isso, compõe, em conjunto do território existencial, um processo construtivo (Alvarez; Passos, p. 135). Nesse processo que exige tempo, a cartografia auxilia a construir uma relação que se baseia numa apropriação do território, aqui o pesquisador investiga como um detetive espacial os signos e elementos que compõem a vida do lugar, encontramos, assim, no caminhar e parar (Careri, 2017) um recurso para habitar a praça. Por isso, habitar um espaço territorial e acompanhar seus processos é fundamental à pesquisa territorial, pois “não há outro caminho para o processo de habitação de um território senão aquele que se encontra encarnado nas situações” (Alvarez; Passos, 2009, p. 147).

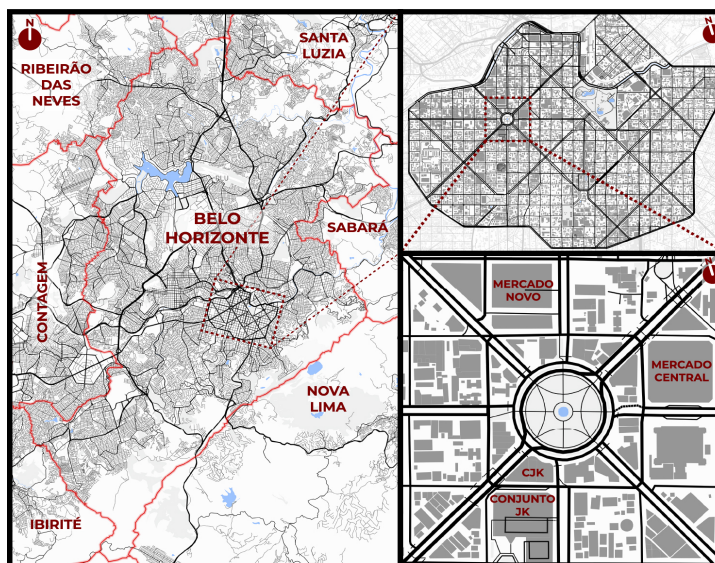
Assim, o artigo primeiro apresenta um histórico da Praça Raul Soares em Belo Horizonte, para contextualizar o objeto de estudo. Seguido de uma apresentação das principais territorialidades que nós investigamos, a partir do habitar o território por meio do caminhar. Para então discutir algumas cartografias construídas pelas sequências imagéticas e cartogramas que buscam especializar as principais territorialidades da praça, marcadas pela relação entre os diferentes atores de tal espaço público no centro da cidade de Belo Horizonte.

PRAÇA RAUL SOARES

Belo Horizonte surge como uma cidade planejada para ser a nova capital mineira, no fim do século XIX, em substituição à antiga capital do estado, Ouro Preto (Barreto, 1996). A cidade do plano original se limitava pela Avenida do Contorno para comportar cerca de 200 mil habitantes, que hoje se caracteriza como a região central, enquanto o território urbano é muito maior que o pensado inicialmente. Atualmente Belo Horizonte possui uma população de 2,3 milhões de pessoas, enquanto a região metropolitana quase chega aos cinco milhões.

Figura 1 - Recorte de localização de Belo Horizonte, plano original e Praça Raul Soares

Fonte: Mapbox, modificado pelos autores (2024)



A Praça Raul Soares é considerada por muitos como o marco zero da cidade, por ela cruzam avenidas que conectam a cidade de Leste-Oeste e de Norte-Sul, nela cruzam um total de quatro avenidas da cidade: Amazonas, Augusto de Lima, Bias Fortes e Olegário Maciel. Um lugar de travessias, encontros e passagens, próximo ao Mercado Central, inaugurado em 1929 e ao Mercado Novo inaugurado em 1960, construído para abrigar o novo mercado municipal.

No plano original de Aarão Reis para a nova capital, a atual praça Raul Soares recebia o nome de Praça 14 de Setembro. Embora o site da Câmara de Belo Horizonte confirme que o nome é em referência à Lei Adicional nº 1, que indicava as localidades para estudo da implantação da nova capital, a lei na verdade é da data de 28 de outubro de 1891. Na verdade, é mais provável que seja alusivo a Lei Nº2, de 14 de setembro de 1891, que contém a organização municipal, a lei elevou o antigo Curral del Rei, até então arraial, para a categoria de distrito, com denominação de Belo Horizonte.

O nome original foi dado no ofício n. 26 do engenheiro chefe, junto com a aprovação da planta geral da nova capital em 1895 (Barreto, 1996, p. 253). Nomenclatura que se manteve o ano do falecimento de Raul Soares de Moura, em 1924, então presidente de Minas Gerais, que pela lei municipal nº 281, de 03 de outubro de 1924, alterou o antigo nome de Praça 14 de Setembro para Praça Raul Soares, que mantém até os dias atuais (IEPHA, 2014, p. 1).

O entorno do local não possui a mesma conformação da planta geral da cidade prevista para construção, a Prefeitura (antiga Municipalidade) foi pensada para se localizar na praça, no encontro da Avenida Amazonas com a Rua Rio Grande do Sul, contudo foi construída na Avenida Afonso Pena (Barreto, 1996). Mesmo com o espaço definido na planta geral da cidade pensado com a prefeitura, a construção só se iniciou no ano de 1929 com término em 1936, demorando sete anos para sua construção (IEPHA, 2014, p. 1).

Essa relativa demora, desde o início da construção da cidade em 1894 até o início da praça em 1929, se deu, pois, a construção da cidade acompanhou a necessidade da própria população que foi crescendo. Exemplo da movimentação de terra, que não somente as vias, mas os quarteirões ficaram prontos já em 1896, mas a construção andou de acordo com a necessidade da região (Barreto, 1996).

Figura 2 - Foto área da Praça Raul Soares em 1938
Fonte: Arquivo Público Mineiro - APM



Nas imediações da praça estão localizados edifícios marcantes na cidade. Como é o caso do Cine Candelária, inaugurado em 1952, teve maior uso e importância nas décadas entre 1950 e 1970, quando nos anos de 1980 passou a exibir filmes pornográficos e fechou no ano de 1992. Contudo, em 2004, sofreu um incêndio deixando-o em ruínas, estado que é encontrado até hoje, apesar do seu tombamento em 2009 (Ayer, 2013).

Na praça também está presente uma obra de Oscar Niemeyer, o Conjunto Habitacional Juscelino Kubitschek. Com projeto desde 1951 com previsão de 1.400 apartamentos, hotel, museu, anunciado pelo governador que carrega o nome do conjunto, teve sua construção iniciada em 1953, sendo entregue apenas em 1970, após diversos percalços, confusões e

alterações do projeto (Pimentel, 1989). Somente em abril de 2022 o Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte (CDPCM-BH) aprovou o tombamento em definitivo do Conjunto Juscelino Kubitschek (Conjunto [...], 2022).

Figura 3 - Foto área da Praça Raul Soares (1960-1970)
Fonte: Arquivo Público Mineiro - APM



O formato da praça se manteve desde sua inauguração, projeto do arquiteto Érico de Paula com inspiração nos jardins franceses. Contudo nas décadas de 1950, 1970 e 1980 as descaracterizações do jardim foram ocorrendo, devido a introdução de árvores para o sombreamento do local. Em 1988 pelo decreto estadual nº 27.927, o tombamento da Praça Raul Soares foi aprovado pelo IEPHA/MG, com inscrição no Livro Do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, sendo a proposta de acordo a proteção de jardins históricos com os princípios da Carta de Florença de 1981 (IEPHA, 2014).

Já no ano de 2007 foi realizada uma restauração na praça para valorizar o tratamento paisagístico original e se manteve o piso original em pedra portuguesa branca e vermelha, que tem seu desenho inspirado na arte marajoara (IEPHA, 2014). Essa reforma foi escolhida pela própria população em um Orçamento Participativo Digital em 2006. Além do restauro, outro foco foi trazer mais segurança para o local, que com o passar do tempo foi sofrendo esvaziamento e se degradando. Na reforma foram instalados 48 novos postes de iluminação e a prefeitura estendeu o horário dos guardas municipais no local (Melo, 2008).

Em 2021, o Circuito Urbano de Arte (CURA), teve a realização de sua sexta edição na praça Raul Soares, com a pintura do chão da rua interna da rotatória da praça, com obra intitulada de Anaconda, arte indígena

peruana para celebrar as águas do rio Amazonas, que dá nome a avenida que perpassa pela praça (Miranda, 2021).

O Cura volta novamente em 2022 para a praça Raul Soares e seu entorno, agora com sua sétima edição, trazendo mais visibilidade para o local. As intervenções do CURA se deram na retomada das origens da praça e a arte indígena, já presente do desenho de piso da praça e do entorno na edição passada. Nesta edição foram realizadas pinturas de duas fachadas cegas de edifícios localizados na praça, instalação artística na praça e arte digital (Werneck, 2022).

No ano de 2023, com o programa centro de todo mundo, a praça sofreu novas reformas pontuais como manutenção dos jardins, do calçamento de pedra portuguesa, limpeza da fonte e incremento da iluminação (Centro [...], 2023). Reformas próximas das anteriores, contudo, em menor escala, são reformas de manutenção e não de restauro. Nos últimos anos vem crescendo o potencial da praça e do entorno como polo de lazer e negócios, com aumento do número de bares e restaurantes no entorno, que já contam com a presença do Mercado Central e Mercado Novo (Werneck, 2022).

Figura 4 - Foto área da Praça Raul Soares (2024)
Fonte: Acervo dos autores (2024)



TERRITORIALIDADES HABITADAS

O caminhar deste trabalho se deu como forma de acompanhar os processos de territorialização da praça, assim como forma de habitar tal localidade. Visto que o objeto de estudo é uma praça, espaço físico pequeno na escala de uma cidade, o caminhar e parar (Careri, 2017) foi fundamental para o reconhecimento das relações e corpos que configuram o ambiente de estudo, desde movimentos recorrentes a elementos que poderiam ser ignorados se percebidos de uma forma rápida ou única. A pesquisa se deu em janeiro de 2024, que permitiu a visita ao local em diferentes horários e dias da semana ao longo do mês, que possibilitou

registrar diversos momentos da praça, observando diversas territorialidades e corpos que experienciaram a praça a cada visita.

Figura 5 - Vista panorâmica da Praça
Fonte: Acervo dos autores (2024)



Caminhando saindo das avenidas para chegar à praça, a primeira percepção se dá pelo entorno, que embora seja verticalizado, pela abertura que a praça causa no espaço, faz com que não exista a sensação de ser um espaço fechado pelos prédios como acontece nas ruas e avenidas do centro. A abertura se dá pelo encontro de quatro grandes avenidas da cidade e por seu formato circular, numa conformação de grande rotatória no centro da cidade para distribuição de fluxo, fato marcante e característico do local. Pela morfologia da praça em rotatória, sendo a função desta de servir como ordenador de fluxo e controle de tráfego, a praça acaba por adquirir o mesmo sentido, consequentemente, é um lugar de passagem no centro da capital.

Tal configuração impõe um primeiro território para quem deseja chegar de fato à praça, imposto pelos automóveis em movimento, que circundam a Raul Soares. É um primeiro limite imposto pela presença da via e demanda uma espera para o acesso. O fluxo entre carros que estão na rotatória e pessoas que desejam chegar ou sair da praça, é orquestrado e ritmado pelos semáforos, que quando impedem a passagem de um corpo, abre a passagem para o outro que esperava, numa dança de luzes verdes e vermelhas.

Figura 6 - Paradas e passagens nos semáforos da Praça
Fonte: Acervo dos autores (2024)



Como mencionado, o caráter de passagem da rotatória se espelha para o interior da praça. A maior parte dos usuários da praça também a utilizam como lugar de fluxo do dia a dia, apenas um caminho para chegar ao seu destino. Os passos contínuos das pessoas caminhando em confronto com a descontinuidade imposta pelo semáforo que impede a saída imediata da praça para seu destino, demarca uma ritmicidade que se cria na diferença de repetição e pausa.

Esse gênio da praça como dispersor de fluxo não deriva apenas da forma circular. O design interno, inspirado nos jardins franceses, somado à pouca presença de bancos, propicia o espaço para a passagem, por uma contemplação do paisagismo através do caminhar, e não pelo parar. Com um design simétrico com oito entradas e saídas voltadas cada qual para uma avenida, orienta, prepara e convida o pedestre a entrar e passar por seus caminhos desenhados.

Os canteiros da praça, com arbustos pequenos, também visam limitar o uso da grama por quem anda, cria um limite no espaço, espacializando o caminho e o jardim, colocando-os em confronto, um território de passagem, outro de admiração. Em alguns dias foram vistos trabalhadores que faziam a manutenção do jardim e se encontravam em um lugar proibido para os outros, o território das flores. Contudo a afirmação do uso daquele espaço se dá através do uniforme, que caracteriza aos trabalhadores um caráter de autoridade para poder se situar em tal espaço.

Figura 7 - Transeuntes em passagem pela Praça e trabalhadores nos canteiros
Fonte: Acervo dos autores (2024)



Outros passos foram vistos em outras velocidades, compondo outras melodias. Havia pessoas que utilizavam a praça para a prática de exercício. Mesmo não sendo em grande quantidade eram frequentes, se faziam notar, principalmente pelo diferente ritmo de prática do espaço, seja pela velocidade ou pela repetição, ou estarem circundando o passeio perimetral da praça. Tais caminhantes e corredores manifestavam seus territórios em movimento. Assim como quem passa de bicicleta,

numa velocidade ainda maior e que traz ainda um novo som para local, diferente dos passos, cria sua sonoridade com o passar do pneu sobre as imperfeições das pedras portuguesas.

Figura 8 - Outros passos em exercício, caminhada e bicicletas

Fonte: Acervo dos autores (2024)



O que foi apresentado até aqui pode ser definido como apropriações pelo movimento, mas também há no local ocupações estáticas. Há pessoas que estão na praça em lugares sombreados para esperar ou apenas descansar, seja um banco ou seja embaixo de alguma árvore. Alguns apenas esperam dar o tempo para voltarem ao serviço quando estão em seus horários de almoço, pois a praça se encontra devido à grande frequência de pessoas no local e a praça ter boa visibilidade, garante maior segurança para estas pessoas que apenas estão descansando no ambiente.

Figura 9 - Ocupações de sombras na Praça e avenidas Olegário Maciel e Augusto de Lima

Fonte: Acervo dos autores (2024)



Embora a maior quantidade de pessoas estejam de passagem, a marca do lugar, se faz pelas pessoas em situação de rua, que ocupam diversas espacialidades da praça, principalmente os canteiros conformando, criando e transformando as maiores territorialidades na praça. Há muitos que estão apenas na sombra assim apenas descansando e esperando o tempo passar. Os territórios formados por eles são claros e fortes, sendo que muitas vezes se imagina que o fato de estar no local não estaríamos invadindo a privacidade e intimidade das pessoas em situação de rua.

As ocupações, além de diferentes locais, se dão de diferentes formas. Mas é possível associar a praça a uma quase residência, um lar para quem lá está em situação de rua. Um local ao centro, próximo a fonte evidencia essa questão. Um ou mais moradores com seus pertences criaram um tipo de barraca, ao mesmo tempo que mantém seus objetos em proteção. Essa territorialização do espaço de morar na praça cria limites no local, que parece haver uma invasão ao espaço do outro, muitas vezes para ambos os lados, uma invasão da casa de quem ali está e uma invasão de um espaço público que seria de passagem, pois:

Escavar um nicho, não há dúvida, implica acima de tudo separação territorial, o direito a um “espaço defensável” separado, espaço que precisa de defesa e é digno de defesa precisamente por ser separado — isto é, porque foi cercado de postos de fronteira que permitem a entrada apenas de pessoas “da mesma” identidade e impedem o acesso a quaisquer outros (Bauman, 2001, p. 102)

Outro uso do espaço que chama atenção, e se transforma o espaço público em território residencial, é a utilização da fonte, no centro da praça. Devido a presença da água se torna possível lavar suas roupas e seus corpos no espaço. Assim a fonte e o jardim em volta dela se tornam também territórios destes moradores que têm a praça como lar, além do uso da água para lavar, é também apropriado o espaço do jardim com a grama e os arbustos para secar as roupas recém lavadas ao sol.

Por fim, outros moradores de rua se encontravam nos canteiros, sejam parados conversando com outras pessoas ou deitados. Quem estava conversando ou apenas descansando, se encontravam nas sombras das árvores que permitiam se proteger do sol, algumas criavam sombra no meio do canteiro, outras criavam um pouco de sombra nos bancos existentes, em ambos os casos a territorialidade se forma devido ao tempo, seja pelo horário, seja pelo clima.

Os outros que se encontravam deitados, aparentemente dormindo, se encontravam debaixo dos arbustos como uma forma mínima de proteção. Seja por uma busca de proteção visual, uma forma de diminuir a visibilidade em um momento de vulnerabilidade em que se encontra dormindo. Ou como forma de proteção do sol, que muitas vezes já havia mudado de posição, deixando-os sem a sombra do arbusto que em algum momento lhe protegia.

Figura 10 - Pessoas em situação de rua e suas territorialidades

Fonte: Acervo dos autores (2024)



Em uma das voltas pelo entorno da praça, foi visualizada uma efígie em estado degradado, que contrasta com o cuidado que há no restante da praça, parece referenciar aos tempos antigos da praça antes de seu restauro, que é marcado pela falta de segurança e zelo pelo poder público. Tal monumento é uma efígie de Otacílio Negrão de Lima, instalada em 1969, por iniciativa do Diário de Minas, em homenagem ao ex-prefeito da cidade (de 1935 a 1938 e de 1947 a 1951) (Werneck, 2022).

Assim como a efígie, que não deixa esquecer os tempos de descaso sofrido pelo espaço público da Praça Raul Soares, o antigo edifício em ruínas do Cine Candelária surge como outra marca da história do lugar nas bordas da praça, ambos rememorando uma época de falta de cuidado tanto do poder público quanto dos interesses particulares com a Raul Soares. Enquanto as pinturas realizadas pelo CURA que estão nas fachadas cegas e no piso da rua interna, demonstram o oposto, uma tentativa de exaltação e otimismo com o futuro, como local de encontro e confrontos de diferentes povos, culturas e ideias. Uma esperança com o espaço público como local de encontro e espaço para ser vivido e praticado no dia a dia pelos seus habitantes.

Figura 11 - Ruínas: efígie de Otacílio Negrão de Lima e ruínas do Cine Candelária

Fonte: Acervo dos autores (2024)



TERRITORIALIDADES CARTOGRAFADAS

Diversos e variados são os fatores e elementos que definem, conformam e alteram os territórios da praça. Inicialmente observamos que a morfologia da praça e seu design atuam como definidores, a configuração em uma rotatória, aliado com o projeto da praça, inspirado nos jardins franceses, de forma axial, com entradas e saídas para todas as quatro avenidas que cortam o local. Essa relação entre essas características físicas dá ao espaço um caráter essencialmente de passagem, marcados pelo fluxo de automóveis e pelos caminhos da praça.

No entanto, os espaços de pausa se caracterizam mais pela passagem do tempo, visualizado na sombra das árvores, definido pela movimentação do sol ao longo do dia. Com pouco auxílio do design (localização dos bancos), os espaços de ocupação estática se dão em maior quantidade abaixo das árvores, com pessoas sentadas no chão, e algumas nos bancos que possuem sombra, e alguns arbustos. Num quadro geral, a praça é apropriada tanto por ocupação estática quanto por ocupação em movimento, criando uma rede de relações sobre as diferentes práticas territoriais.

O cotidiano da praça é um importante e complexo definidor de territorialidades do ambiente. O horário comercial que altera o fluxo e quantidade de usuários da praça; a condição meteorológica, como a posição do sol que influencia nas sombras e no conforto para espaços de espera; o trânsito, em que o semáforo cria movimentos de continuidade e descontinuidade no fluxo de pessoas e automóveis. Esses elementos ordinários do dia a dia marcam ritmos, alteram territórios, influenciam movimentos do corpo demarcados num limite temporal finito.

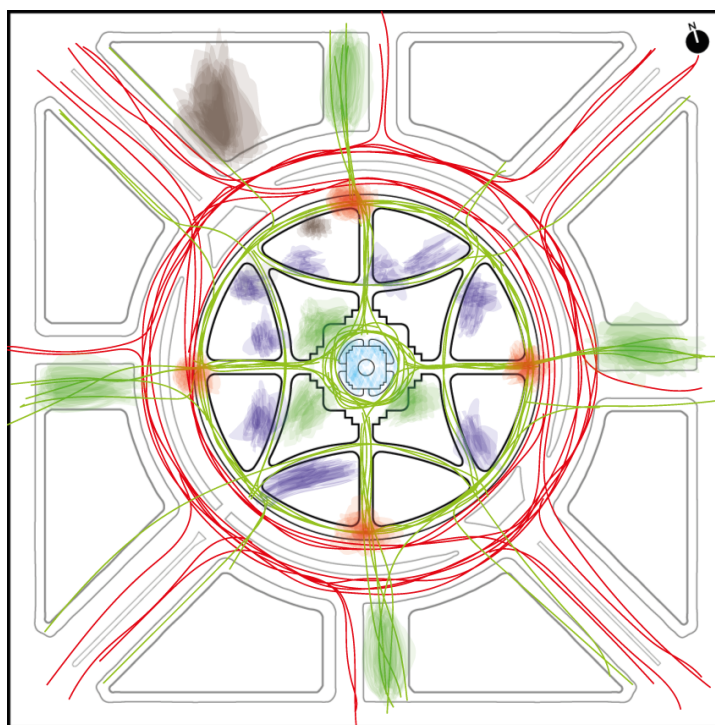
Figura 12 - Cartograma territorial

Fonte: Elaboração dos autores (2024)



Os territórios se definem numa interação do corpo com o espaço, por meio de atrações e repulsas, marcado por limites e relações sociais. “Vamos então nos dedicar ao poder de atração de todas as regiões de intimidade. Não há intimidade verdadeira que afaste. [...] É no sentido dessa valorização que devemos estudar os abrigos e os aposentos” (Bachelard, 1978, p. 205). Com isso, é possível imaginar que as pessoas em situação de rua que estão habitando esse espaço da Praça Raul Soares e a territorializando como lar temporário, é porque há uma intimidade com o local, a praça não é um espaço intimidador para eles e nem por eles, pois o uso ainda é frequente e diverso.

Figura 13 - Espacialização de territórios
Fonte: Elaboração dos autores (2024)



Isso faz com que a praça reforce seu caráter de espaço público como lugar de confronto entre diferentes corpos, que conseguem conviver em harmonia, qualidade que se espera não somente do espaço público como espaço democrático, mas como uma qualidade que deveria existir na cidade como um todo. Um local de passagem que é seu uso. Um confronto aqui, não de embate e discussão, mas um confronto de territorialidades, das relações em que elas surgem, no choque de seus limites, como foi elaborado por Raffestin (1993).

O simples ato de estar no mesmo espaço que o outro, nos põe neste conflito. A praça Raul Soares, assim se caracteriza pela presença de um público diverso, pessoas que estão de passagem pelo local, outras que

utilizam do espaço para realizar exercícios, aproveitam o ambiente para descansar no horário de almoço e pessoas que a habitam, literalmente, fazem da praça sua morada. Essa diversidade, de quem compartilha o mesmo espaço é que traz a segurança no cotidiano, um espaço público de alteridade como, de fato, ele deve ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A praça, um espaço cotidiano e comum em qualquer cidade, apresenta suas complexidades, afinal a territorialidade é composta de relações que nem sempre podem ser interpretadas claramente. Dessa forma, o processo de habitar a praça pelo caminhar, aliado com a pesquisa cartográfica, propiciou uma pesquisa feita com o meio. Esse acesso engajado permitiu a percepção de uma complexidade de territórios e ritmos na Raul Soares, que somente pela ação, espera e repetição possibilitaram o reconhecimento de elementos que antes poderiam ser ignorados no cotidiano. Hábitos, horários e clima criam um sistema de relações territoriais que somente ao habitar a praça é possível percebê-los. A cada nova visita, nova análise sobre os registros, aliada à memória e sensação do pesquisador, a revelação de relações entre territórios e ritmos foi se ampliando.

Através do hábito, revelou tais relações de como a posição do sol ao gerar a sombra influencia nas posições a serem ocupadas pelas pessoas. Como o semáforo cria uma dança entre as pessoas e os automóveis ao reger as pausas e passagens entre os dois grupos. Como há uma prática do espaço em total antagonismo, pessoas são indiferentes com o lugar em que se encontram, estão apenas de passagem, e se fosse um espaço aberto de concreto não faria tanta diferença; enquanto outros aproveitam da disponibilidade de sua forma e o pouco de árvore para a prática de exercícios; e por fim, as pessoas em situação de rua que transformam a praça em sua casa, territorializam diferentes espaços em partes diferentes de uma residência, um lugar para dormir, um lugar para fazer sua refeição e outro para a limpeza das roupas e dos corpos.

Todo corpo no espaço é corpo que tem uma ação territorial, clamam seu um espaço para si. E ao estarem lado a lado, criam relações seja de proximidade, de afastamento ou de troca. Assim se forma a territorialidade de um lugar, mesmo que ordinário como de uma praça pública, mas complexa como qualquer outra rede de relações territoriais. E o caminhar, parar e habitar o espaço, seja por fotografia, relato ou memória,

possibilitou apreender tais relações espaciais. Que se desenvolveu num registro cartográfico do espaço a partir da experiência e sensações do caminhante.

Podemos dizer que “cada pessoa então deveria falar de suas estradas, de seus entroncamentos, de seus bancos” (Bachelard, 1978, p. 204), o trabalho de observação e interpretação das territorialidades é em parte isso, visto que os territórios interagem através dos corpos, por meio da imagem percebida, os territórios geram atração e repulsão em diferentes escalas e relações sociais. Ou seja, o território só existe quando ele pode ser visto, sem o confronto com o outro não há nada para definir um limite onde a territorialidade se manifeste.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 131-149.

AYER, Flávia. Antigos cines de BH vão da restauração ao abandono. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 14 dez. 2013. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/12/14/interna_gerais,479096/antigos-cines-de-bh-vao-da-restauracao-ao-abandono.shtml. Acesso em: 24 jan. 2024.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. *In*: BACHELARD, Gaston. **Bachelard**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 181-354. Coleção Os Pensadores.

BARRETO, Abílio. **Belo Horizonte**: memória histórica e descritiva - história antiga e história média. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996. v. 2.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRIGHENTI, Andrea Mubi; KÄRRHOLM, Mattias. **Animated Lands: Studies in Territoriology**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2020.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CARERI, Francesco. **Caminhar e Parar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CENTRO de Todo Mundo. Prefeitura de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/governo/programa-requalificacao-centro>. Acesso em: 24 jan. 2024.

CONJUNTO JK é tombado como patrimônio cultural de Belo Horizonte. Prefeitura de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 27 abr. 2022. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/conjunto-jk-e-tombado-como-patrimonio-cultural-de-belo-horizonte>. Acesso em: 24 jan. 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1. Coleção TRANS.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. **Guia de bens tombados IEPHA/MG**. Belo Horizonte: IEPHA/MG, 2014. v. 2, p. 01-04.

MELO, Bianca. Após obras, Praça Raul Soares já tem defeitos. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 03 dez. 2008. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2008/12/03/interna_gerais,90569/apos-obras-praca-raul-soares-ja-t-em-defeitos.shtml. Acesso em: 24 jan. 2024.

MIRANDA, Andreza. CURA 2021: Pintura na Praça Raul Soares encanta moradores com beleza e grandiosidade. **BHAZ**, Belo Horizonte, 04 nov. 2021. Disponível em: <https://bhaz.com.br/guia-bhaz/cura-pintura-anaconda-redor-praca-raul-soares-finalizada/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo. **A Torre Kubitschek: trajetória de um projeto em 30 anos de Brasil**. 1989. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

WERNECK, Gustavo. Praça Raul Soares: círculo de vida no coração de BH. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 26 set. 2022. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/09/25/interna_gerais,1397810/praca-raul-soares-circulo-de-vida-no-coracao-de-bh.shtml. Acesso em: 25 jan. 2024.